

TENDÊNCIAS 2020

dados, tecnologias, comportamento
& o nosso futuro como sociedade



sgb.org.br

O mundo gira, os dias passam e nós, humanos, olhamos sempre para o futuro. Incerto, novo e às vezes assustador, o futuro é aquilo que não conseguimos necessariamente enxergar, mas buscamos entender a partir do agora. As tendências são, nada mais, nada menos, do que apostas do que o agora nos diz sobre o amanhã.

O Social Good Brasil é uma organização precursora de tendências desde 2012 no uso de tecnologias exponenciais, comportamento humano inovador e novas mídias. *Nós sempre tivemos o olhar voltado para: como isso tudo pode tornar o mundo melhor? Mais justo, com mais equidade e igualdade, com pessoas vivendo de forma mais plena.*

Como líderes do Movimento Data for Good no Brasil, que visa a engajar organizações na pauta de um uso ético e consciente dos dados para gerar impactos positivos na nossa realidade, tínhamos vontade de compreender o futuro dessas tecnologias e para onde estão nos levando como sociedade.

Foi assim que em 2019, criamos em parceria com a Fundação Telefônica Vivo o Radar SGB: Data for Good (dados para impacto positivo) com a ideia de monitorar as tendências nessa área. Assim, surgiram uma série de termos, palavras e ideias de como o nosso futuro está se desenhando – e, com essa perspectiva em mãos, podemos moldar melhor o nosso presente.

Então, surgiu a ideia deste material que ~~não é um ebook~~. É um guia, um manual, um caderno ou qualquer outro nome mais interessante que vai lhe dar um panorama de como o nosso futuro se parece e como o nosso presente está sendo construído. **Vamos construir esse mundo juntos?**



Bom proveito,

Carla Mereles
Criadora e curadora de conteúdos
Social Good Brasil

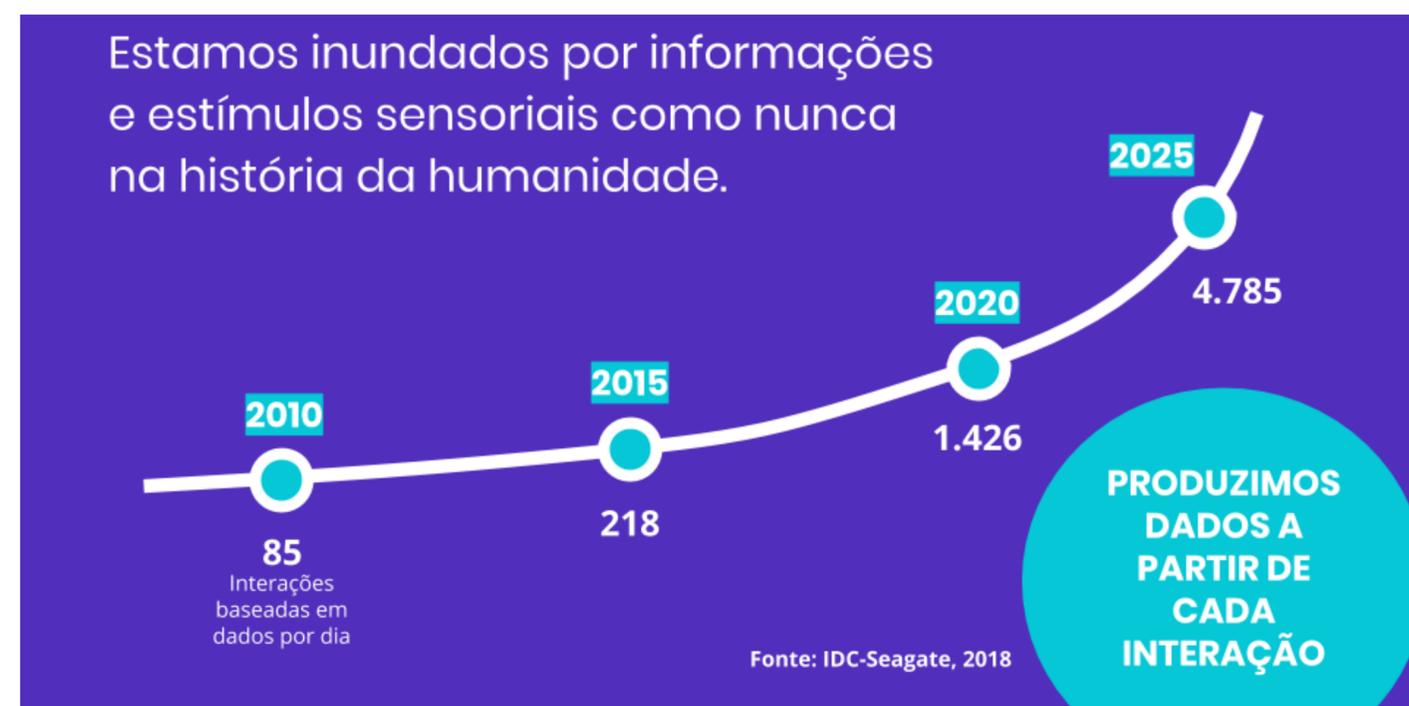


ALFABETIZAÇÃO EM DADOS

A alfabetização em dados – ou *data literacy* – é a habilidade de ler, entender, analisar e comunicar dados como informação útil. Ou seja, é a competência desenvolvida para adquirir melhor leitura e entendimento sobre o universo de dados.

A primeira tendência para este ano de 2020 – e os próximos que virão – é justamente o primeiro passo quando falamos em futuro, profissões que ainda não existem, competências e habilidades que precisaremos desenvolver.

Em um mundo em que o uso de tecnologias é exponencial, os dados que são gerados se multiplicam absurdamente. Todas as pessoas que têm *smartphones* geram centenas, milhares e até milhões de dados ao mandar mensagens, baixar fotos ou ouvir músicas. Todas as nossas ações no meio digital se tornam números que dizem algo sobre nós que, conseqüentemente, geram padrões, tornam-se leituras e análises sobre comportamentos para quem detém essa informações.



#1: ALFABETIZAÇÃO DE DADOS

Curiosidade

Os celulares estão na mão de 5,1 bilhões de pessoas no mundo mesmo existindo muitos problemas na democratização do acesso às tecnologias; no Brasil, existem 204 milhões de aparelhos e 210 milhões de pessoas, tornando a proporção assustadora – relatório Economia Móvel 2019, da GSMA.

COMPREENDER COMO DADOS PODEM SER USADOS DEIXOU DE SER ALGO PARA QUEM TRABALHA COM TECNOLOGIA E PASSOU A SER UMA PREOCUPAÇÃO DE TODA A POPULAÇÃO.

Esses dados, por fim, geram uma fonte valiosa de insumos sobre: *como vender mais produtos pra essa pessoa? Qual conteúdo irá mantê-la mais tempo naquela rede social? Qual filme tem mais a ver com a sua personalidade num streaming?* (Lembrando que esses são os lados “positivos” de como podem ser usados...). A frase que fala “dados são o novo petróleo” indica o quão valiosos são, não é?

Temos dados gerados sobre nós o tempo todo e o mínimo que podemos fazer é entender **o que são, como são usados** e, principalmente, compreender **que são valiosos e só precisamos cedê-los quando e como quisermos.**



VAI UM EXEMPLO AÍ?

Vamos começar pelo que esse conceito **não é**: alfabetizar-se em dados não é necessariamente aprender programação, saber criar um software ou ser uma pessoa muito por dentro de tecnologias. Está mais para aprender uma nova “língua”; compreender como as palavras se constroem, como pronunciá-las; montar frases inteiras e, de repente, construir um texto. Tornar-se fluente em dados é isso.

Um exemplo que nós adoramos é: nossos avós não se davam muito bem com celulares logo que eles começaram a se popularizar, não é? Eram mais fãs do telefone fixo, que era o que conheciam, já lembravam dos números de cor... Mas essa tecnologia evoluiu e se proliferou com tanta rapidez que hoje tornou-se tão comum, normal e necessária a ponto de nossos avós se adaptarem, aprenderem e serem quase nativos digitais. Mandam mensagens por aplicativo, usam redes sociais e se comunicam bem usando internet nos seus celulares.

Nós seremos da mesma maneira com os dados. Agora parecem algo muito distante, complicado e desnecessário, mas precisaremos nos alfabetizar nessa linguagem do futuro – que já é e se tornará muito mais presente nas nossas vidas.

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



“Por que todo mundo deveria ser alfabetizado em dados”, palestra de TEDx de Jordan Morrow.



“O que nós fazemos com todo esse big data?”, palestra no TED de Susan Etlinger.



“Como nós podemos nos encontrar nos dados?”, palestra no TED de Giorgia Lupi.



“Seja dono dos dados do seu corpo”, palestra no TED de Talithia Williams.



“O que é data literacy, ou alfabetização em dados?”, por Carla Mereles no Social Good Brasil.



ÉTICA NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

É o processo que integra a ética na conduta de entidades que possuem **inteligência artificial** para que não ocorram prejuízos aos seres humanos e outros seres vivos.

Há alguns anos, “inteligência artificial” era coisa de ficção científica. Hoje, é uma tecnologia que está sendo incorporada em diversas áreas das nossas vidas: educação, saúde, direito, mobilidade, meio ambiente... Esta é uma tendência que está se alastrando e se tornando mais comum e, por isso, merece a nossa atenção – já que é um assunto que envolve ética, conduta e regulamentação.

Mas o que é exatamente inteligência artificial? Uma inteligência artificial existe quando um computador é capaz de processar muitos dados (informações) sobre determinada questão e gerar padrões; a partir desses padrões, irá fazer escolhas, seleções e demais ações que normalmente um humano faria por requerer um raciocínio por trás. Então, é uma forma de acelerar alguns processos – já que humanos não precisarão mais ser parte deles – e de alocar a inteligência humana em outras áreas prioritárias. (Mas nem tudo são flores...)

Ética e inteligência artificial: quando esses assuntos se cruzam? No momento em que os padrões e as repetições que os computadores analisam têm algum viés negativo, excludente ou discriminatório de alguma maneira. Essa inclinação pode vir por conta de uma base de dados que já está “contaminada” por algum padrão que não se quer ou mesmo pelas preferências e ideias de quem programa os algoritmos.



VAI UM EXEMPLO AÍ?

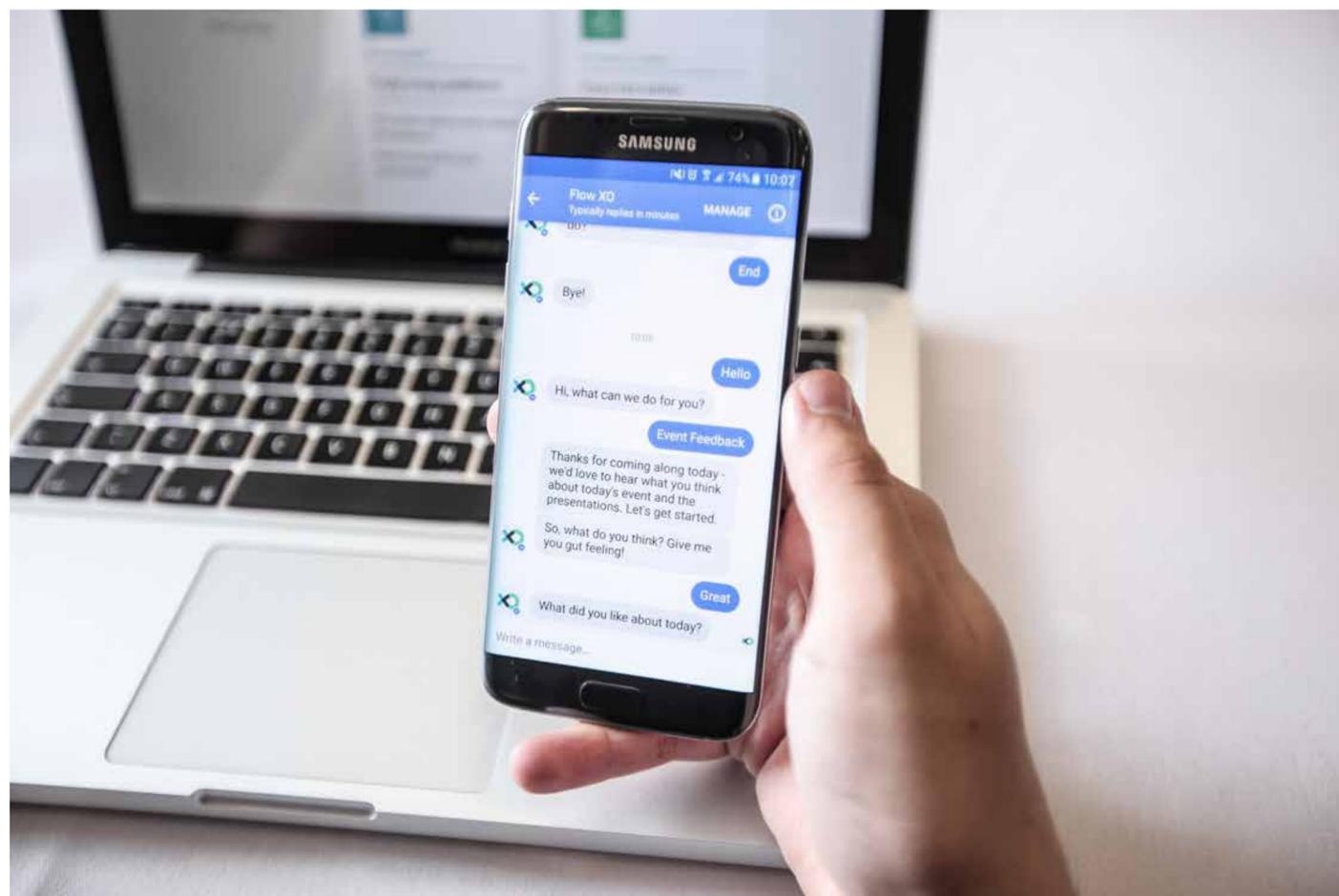
A questão é séria porque, quando se trata de uma tecnologia que está tomando decisões pelas pessoas, é preciso que se garanta que ela tenha ética, uma conduta que valoriza diversidade – inclusive de quem cria os algoritmos – e seja isenta de um “viés” único.

Esse lado negativo da inteligência artificial já se mostrou quando: [um software tende a prever de maneira equivocada a reincidência criminal de pessoas negras, apontando o dobro da probabilidade em comparação com brancas](#), ou [um bot da Microsoft no Twitter que passou da simpatia ao racismo e discurso de ódio](#), ou ainda, [sistema do Google identificou pessoas negras como gorilas](#), [uma escolha no algoritmo da Uber fazia com que mulheres motoristas ganhassem menos do que homens](#). *(Evidências de que é preciso pensar em ética aplicada ao uso de tecnologias urgentemente...)*

Algumas questões éticas irão continuar aparecendo nos próximos anos, como: [por que poucas empresas são “donas” das inteligências artificiais](#) ou se [IAs deveriam se parecer com humanos](#) ou [ainda que primeiro “bebê” que nasceu das IAs](#).

Mas, como sempre, vislumbramos que é possível, também, ter muitas ações boas por meio dessa tecnologia: [na Inglaterra, uma I.A. diagnosticou casos de câncer de mama tão bem quanto médicos](#) e a [IA de uma startup canadense previu epidemia do coronavírus na China](#).

Então, vamos ficar de olho nas I.A.s, sempre com pensamento crítico e buscando usá-las para deixar o mundo melhor e mais diverso (*não menos*).



QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?

-  **“Como estou lutando contra algoritmos enviesados”**, palestra no TED de Joy Buolamwini.
-  **“Inteligência de máquinas torna a moral humana mais importante”**, palestra no TED de Zeynep Tufekci.
-  **“Como computadores estão aprendendo a ser criativos”**, palestra no TED de Blaise Aguera Y Arcas.
-  **“Preconceito das máquinas: como algoritmos podem ser racistas e machistas”**, de João Paulo Vicente, no Uol.
-  **“As incríveis invenções de inteligência artificial intuitiva”**, palestra no TED de Maurice Conti.
-  **“Para CEO do Google, inteligência artificial trará mudança mais profunda que o fogo”**, no B9, por Matheus Fiore.



SEGURANÇA CIBERNÉTICA

Segurança cibernética – ou *cyber security* – é o estado de proteção contra o uso criminoso ou não autorizado de dados eletrônicos. À medida que mais e mais dispositivos se conectam à Internet, é essencial ter segurança de ponta para garantir a integridade dos dados e aplicações.

Como todos os assuntos aqui falados, a **segurança cibernética** se torna uma tendência a partir da crescente no uso da internet, tecnologias e dados – já que quanto mais dados usamos e geramos, quanto mais poder a tecnologia tem de influenciar nossas vidas, mais **temos que criar mecanismos para garantir a segurança dessas informações.**

A questão da segurança cibernética importa para nós, como pessoas físicas, mesmo que a probabilidade de um hacker querer invadir suas contas pessoais seja pequena. Isso porque o número de nossos aparelhos eletrônicos cresce, a quantidade de informações e confiança que depositamos neles também, assim como os **ataques cibernéticos**, que crescem em sofisticação e em quantidade: [em três meses, foram 15 bilhões só no Brasil](#). *Então vamos pensar bem onde iremos guardar senhas, viu?*

Mas questão na qual devemos ficar mais de olho é: nossos dados e informações também estão armazenados em servidores, sites e bancos de dados de organizações e empresas – **incluindo redes sociais!** –, tornando-nos “vulneráveis” caso sejam alvo de algum ataque cibernético.



VAI UM EXEMPLO AÍ?

Então, proteger nossos aparelhos pessoais é um dos primeiros passos para garantir certa segurança cibernética – e até tomar cuidado com cabos USB que se encontra em espaços públicos, pois [podem ser uma porta de entrada para hackers invadirem seu celular ou computador](#), além de [golpes no Whatsapp](#) e [espiões nos celulares](#) ou mesmo em datas “festivas” como a Black Friday, que é “o Natal dos golpistas”, como [disse o especialista em segurança digital](#).

Lembrando que todo cuidado é pouco e que as entidades, governo, organizações e empresas também estão se adaptando a essa realidade, que é muito complexa e nova.

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?

 **“Estamos entregando nossa privacidade de uma forma excessivamente frívola e alegre”**. O especialista em inteligência artificial Ramón López de Mántaras apoia a proibição do uso de sistemas de reconhecimento facial, como ocorreu em São Francisco”. Por Isabel Rubio no El País.

 **“O homem que sabe tudo sobre o crime ‘on-line’**: Ross Anderson alerta sobre os perigos da falta de controle dos crimes na Internet. Ele é professor de Cambridge e um dos maiores especialistas do mundo em segurança cibernética”. Por Jordi Pérez Colomé no El País.

 **“Snowden: ‘A janela para debater nossa atitude ante a tecnologia está se fechando’**. Antigo funcionário do Governo dos EUA que há sete anos vazou documentos secretos, refugiado na Rússia, conta que perdeu o controle de sua vida e quer se asilar na Alemanha”. Por El País.



Fonte: greensefa



PRIVACIDADE DE DADOS

Privacidade de dados é o direito à reserva de dados e informações pessoais e da própria vida pessoal.

A **privacidade de dados** diz respeito às nossas informações pessoais com relação a terceiros. Tem a ver com a confiança que damos para empresas, organizações, logins em sites, testes (*daqueles “saiba com qual personalidade você se parece”*) e os “termos & condições” que aceitamos quando damos check (✓) nas regras de alguma plataforma ou aplicativo. Pode não parecer, porque já se tornou muito automático, mas essa ação faz com que nós **realmente aceitemos os termos e condições** – é aí que “mora o perigo”. Nessas regras pode estar descrito, naquelas letras bem pequenininhas, que a “entidade” a quem estamos cedendo certos dados pode ter acesso a mais informações do que pensamos.

E por que importa a que dados eles têm acesso? Se “dados são o novo petróleo” ou a “nova moeda”, então quer dizer que valem muito. Portanto, principalmente quando falamos do nosso comportamento na internet e em redes sociais, tudo o que acessamos, todos os perfis de Instagram que vemos, as roupas em que damos like, as empresas que seguimos são insumos sobre os nossos comportamentos. Como as redes sociais trabalham com algoritmos – que são programados para nos entender a fundo e colocar na nossa *timeline* conteúdos muito similares com o que já consumimos, porque entende que é disso que gostamos –, nós estamos expostos a marcas e empresas que têm algum interesse em nós, seja que as conheçamos, compremos seus produtos ou sejamos influenciados pelo que têm a falar.

Complexo? Um pouco. A grande questão é que quanto mais informações concedemos, melhor é o perfil que os algoritmos constroem da gente e isso significa que melhor podem prever o que iremos fazer, falar, consumir, ouvir, assistir, entre vários outros verbos.

E por que isso pode ser um problema? Porque, cada vez mais, entende-se que os dados são propriedade dos titulares (alô, LGPD!), isto é, da pessoa em questão. As organizações, empresas, sites a quem cedemos precisarão ter um cuidado maior, inclusive porque há uma [série de casos de vazamento de dados](#), roubos e até vendas (!) a terceiros por grandes empresas nas quais os usuários confiam – o que é completamente antiético, além de ser crime.

Não é à toa que Mark Zuckerberg, criador do Facebook, [anunciou na principal conferência da empresa](#), a F8, que o “futuro é privado”. Esta foi a [bandeira que a empresa decidiu levantar](#) daqui para frente, prometendo novas condutas e um olhar atento para a segurança e privacidade. Da mesma forma, a Apple está [discutindo a privacidade nos seus aparelhos](#) e, inclusive, diz que irá [exigir política de privacidade aos aplicativos](#) que estarão disponíveis na loja do seu sistema.

Por isso, é importante resguardar ao máximo dados e informações em sites, redes sociais e logins que vá fazer. No momento em que se cede dados, se cede privacidade; às vezes, até um pedaço da sua vida privada entra nessa fatia.



VAI UM EXEMPLO AÍ?

Aqui estão alguns: um ex-funcionário do Google avisa que [a empresa pode acessar todos os documentos dos usuários de sua nuvem](#); aplicativos de celular com o sistema Android [burlam filtros de segurança e espiam usuário](#); milhões de telefones de usuários do Facebook [aparecem em uma base de dados aberta na Internet](#). Esses são só uma fatia de um mundo de outros casos. Com os usuários mais seletivos e “de olho” com relação à sua privacidade, as empresas se autorregulando e leis mais criteriosas (como a LGPD), o futuro tende a ser um pouco melhor. Mas temos que estar sempre atentos!

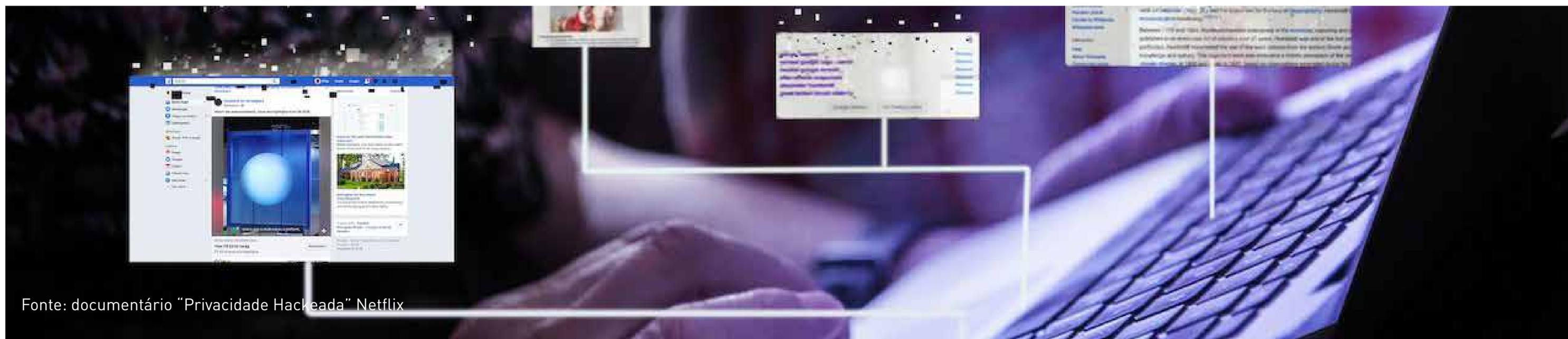
QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



“Privacidade Hackeada”, da Netflix.



Caso Cambridge Analytica: “EUA multam Facebook em 5 bilhões de dólares por violar privacidade dos usuários – empresa é punida com multa recorde pelo vazamento de dados no caso Cambridge Analytica”, por Sandro Pozzi no El País.



Fonte: documentário “Privacidade Hackeada” Netflix



GOVERNANÇA E PROTEÇÃO DE DADOS

A governança de dados forma a base da estrutura e gerenciamento dos dados de uma organização. A governança eficiente de dados é uma tarefa importante que requer mecanismos de controle centralizado. Com as recentes mudanças referentes à lei de privacidade de dados entrando em vigor, a governança dos dados também precisará passar por mudanças.

Esta é a grande pauta de 2020 no Brasil. Governança e proteção de dados são os “nomes bonitos” para a regulamentação de como as empresas e organizações devem lidar com dados pessoais. Como esse mundo é novo para todos, os setores foram se ajustando conforme a evolução das próprias tecnologias e, de alguma forma, buscando a melhor maneira de lidar com elas. **No Brasil, isso irá mudar bruscamente neste ano.**

A privacidade e proteção de dados foi endereçada na Europa por meio da GDPR (General Data Protection Regulation) em maio de 2018 e foi a primeira verdadeira investida na direção de os países mudarem a cultura de como lidam com dados pessoais, em que muitas vezes organizações e empresas poderiam pedir quaisquer dados dos usuários e utilizá-los como desejassem.



E O BRASIL, COMO FICA?

No Brasil, a **Lei Geral de Proteção de Dados**, ou LGPD, inspirou-se na lei europeia para também começar uma cultura diferente por aqui. A ideia dessa lei é garantir que os titulares (ou seja, donos) das informa-

ções e dos dados continuem sendo proprietários deles. Isto é, nós (cidadãos) temos algo a dizer sobre como serão utilizados, para que fins, etc.

Em princípio, a LGPD entrará em vigor em agosto deste ano no Brasil e, com isso, todas as organizações, empresas, governos, entidades que lidem com pessoas terão que se adaptar a essa legislação. Não será uma tarefa fácil, considerando que dados da Serasa Experian: 75% dos consumidores (pessoas físicas) têm conhecimento baixo sobre a existência dessa lei, 66% das empresas dizem ter entendimento médio e 64% avaliam que estarão adequadas até o início do ano de 2020 (*mapeamento realizado no primeiro trimestre de 2019*).

E, para compreender todas essas mudanças na sua vida, no seu trabalho, onde você trabalha, a tendência #1 (alfabetização em dados) se torna ainda mais importante... A mudança desta Era de dados veio para ficar.

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



[“Lei Geral de Proteção de Dados”](#), do Braincast.



[“O que é a LGPD?”](#), de Raíssa Moura no Radar SGB.



[“O que é a LGPD”](#), do JOTA.



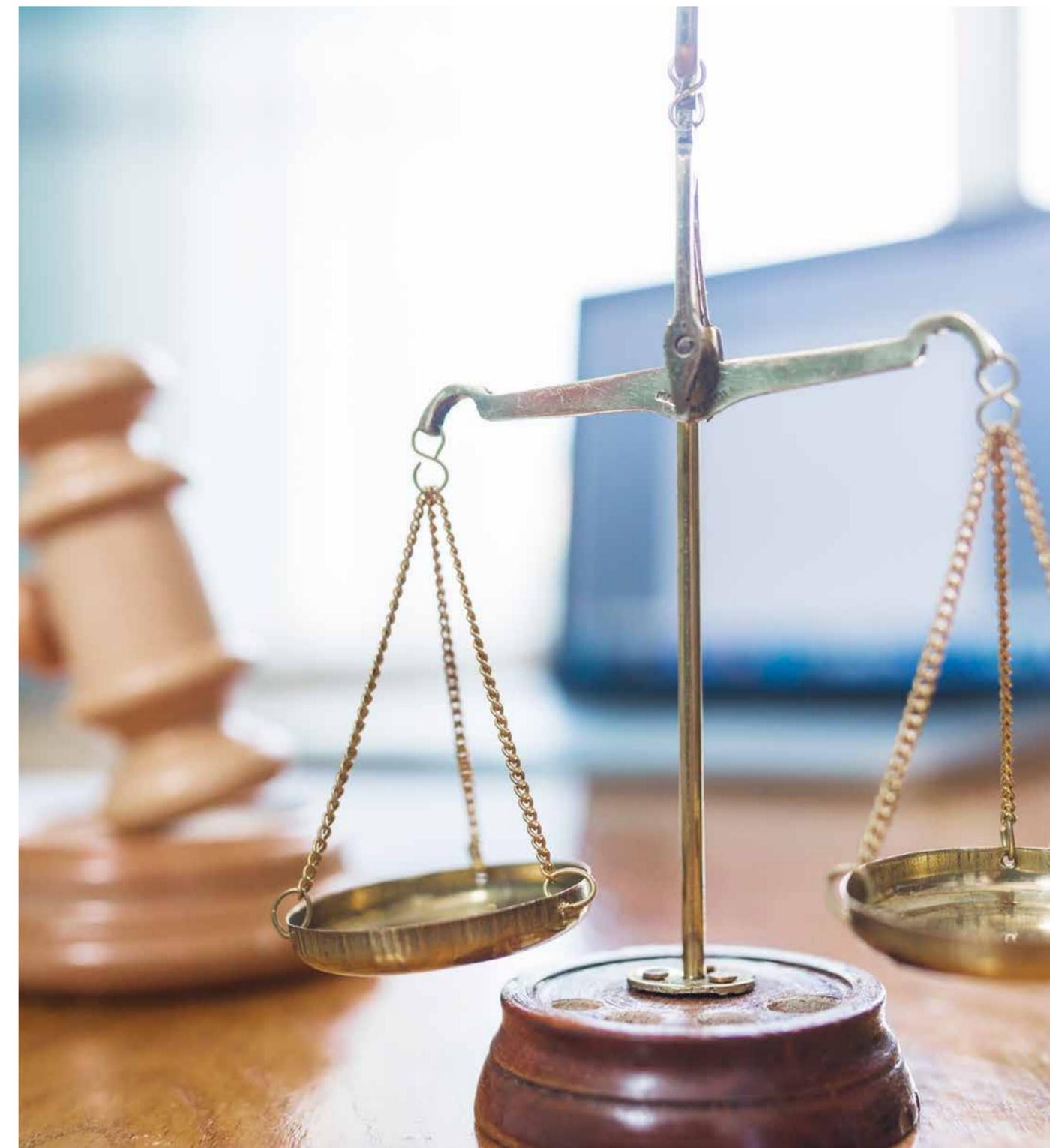
[“O que é a LGPD?”](#), por Fernanda Nones na Resultados Digitais.



[“O consentimento na internet na nova Lei Geral de Dados Pessoais”](#), por Marcela Waksman Ejnisman e Maria Eugenia Lacerda no JOTA.



[“LGPD e Terceiro Setor: desafios e oportunidades”](#), de Jérémie Dron no Radar SGB.





COMPUTAÇÃO DE BORDA & ANÁLISE AUMENTADA

A computação de borda – ou *edge computing* – é a tecnologia que realiza o processamento de dados o mais próximo possível de sua origem – na borda da estrutura da rede. A análise aumentada – ou *augmented analytics* – impulsiona ainda mais a tomada de decisão orientada à dados, por meio da combinação entre Inteligência Artificial e as principais tecnologias de análise de dados.

Como todas as outras tendências, a origem desta também está na evolução e no desenvolvimento de mais tecnologias e em tudo o que isso gera. Esta tendência, que na verdade são duas, nos mostra o quanto **o mundo está mudando rapidamente** e o quanto isso poderá mudar as nossas rotinas e hábitos.

A **computação de borda** é um nome difícil para falar que os aparelhos estarão mais conectados entre si. *Como funciona hoje?* O comando de “play” no aplicativo de streaming do seu celular vai para a rede, que manda esse sinal para a sua televisão, que transmite a sua série preferida lá. Já é um comando curto e uma resposta muito rápida, mas no futuro haverá tantos aparelhos que esse processo não será mais tão eficiente.

A “nuvem” que absorve as informações, dados e comandos que enviamos não dará mais conta da demanda e, então, aí que entra a computação de borda. Em vez de diferentes dispositivos estarem ligados perto de um servidor ou com uma nuvem, ele próprio terá nas suas bordas a capacidade de processar informações. Então, **as conexões poderão ser feitas justamente nas bordas dos dispositivos, tornando-as quase diretas** e, por isso, muito mais rápidas e confiáveis



VAI UM EXEMPLO AÍ?

O seu celular se conecta com sua tevê, que se conecta com o seu celular, que se conecta com o seu relógio, que envia seus batimentos cardíacos para um monitor... E assim vai. Tem bastante a ver com o conceito de *internet das coisas*, sabe?

As conexões serão mais rápidas, pois a interface entre os dispositivos estará muito mais próxima. A troca de informações será mais confiável, porque o caminho que percorrem é menor; logo, a chance de dados serem expostos é menor.

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



[“O que é a computação de borda?”](#), da IBM.

Outra tecnologia que irá revolucionar a forma e principalmente a rapidez com que fazemos as coisas é a **análise aumentada**, que é a combinação das técnicas de análise de dados que já temos há muito tempo com o potencial de inteligência artificial que teremos e criaremos nos próximos anos. Isto é, a inteligência das máquinas irá avançar a tal ponto que irá conseguir tornar exponencial a capacidade de processamento e análises que podem ser feitas.

Ainda existe “pouco” para exemplificar por ser uma tendência de ponta e dificilmente vista, mas seguem conteúdos que podem ajudar a compreendê-la melhor...

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



[“Análise Aumentada: o Futuro dos Dados”](#), por Sergei Beserra no ECOA PUC-Rio.

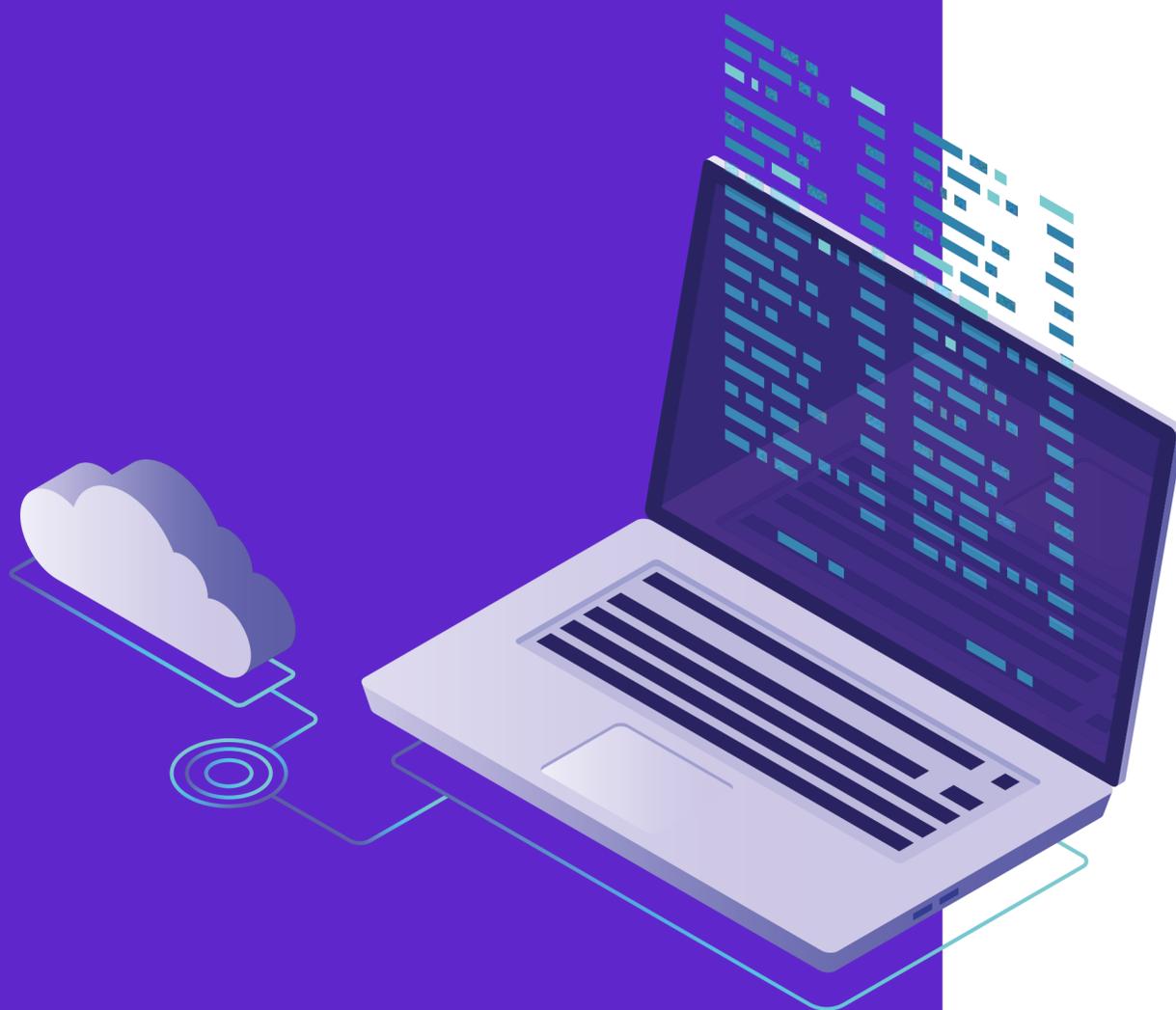


[“Análise Aumentada”](#), pela Gartner (em inglês).



DADOS ABERTOS & API ABERTA

Dados são abertos quando qualquer pessoa pode livremente acessá-los, utilizá-los, modificá-los e compartilhá-los para qualquer finalidade, estando sujeito a, no máximo, exigências que visem preservar sua proveniência e sua abertura. Pode-se abrir os dados em vários formatos possíveis. Os menos acessíveis são planilhas para download enquanto os mais indicados são as APIs abertas: um software proprietário ou interface de programação de aplicativos que está publicamente disponível para desenvolvedores.



A questão dos **dados abertos** é um movimento no mundo todo em que cidadãos, coletivos e organizações clamam para que cada vez mais outras entidades, como empresas e governos, forneçam os dados que coletam de forma transparente, limpa, ética e acessível a todos. Como a Era dos dados veio com tudo, quanto mais dados estiverem acessíveis, mais trabalho será possível de ser feito de uma maneira mais assertiva e baseada em evidências.

Como a tendência é que nesse mundo de infinitos dados haja mais necessidade de segurança, privacidade e transparência, se faz ainda mais necessário que existam plataformas que disponibilizem esses dados de forma limpa e acessível. Assim, mais pessoas poderiam usar esses dados para fazer algo de bom com isso e tentar tirar o máximo de proveito dessa realidade.

A **API aberta** tem o mesmo conceito dos dados abertos: é quando um software, isto é, programa de computador tem o backend acessível e você consegue fazer muito mais personalizações, automações, mesmo com conhecimento básico de programação. Então, isso possibilita que se tire maior proveito de um cenário repleto de dados e que cada profissional consiga adaptar ferramentas para o seu uso.



VAI UM EXEMPLO AÍ?

Um bom e “tradicional” exemplo sobre **dados abertos** são os muitos (MUITOS!) dados que o governo brasileiro possui sobre as pessoas em diversas áreas, como educação, moradia, saúde, mobilidade, etc. Mas, em boa parte das vezes, esses dados estão espalhados, desorganizados ou mesmo inacessíveis. Como não existe uma base sólida de dados, é bastante difícil extraí-los e fazer análises; é preciso “limpar”, sistematizar e organizar. Portanto, uma vez que esses dados estão transparentes e também organizados, esse é o mundo ideal dos dados abertos.

QUER ENTENDER MELHOR ESSA TENDÊNCIA?



[“O que é API?”](#), de Canaltech.



[Brasil IO](#), plataforma de dados públicos disponibilizados em formato acessível.



CRÉDITOS

Criação de textos e curadoria de conteúdos Carla Mereles

Curadoria das tendências e coordenador do Radar Data for Good Tiago Manke

Diagramação e design Mariel Maffessoni

COREALIZAÇÃO



PARCEIRO ADVISOR



PARCEIRO ESTRATÉGICO

inloco



APOIO

